

Caderno Ateliê: reflexões sobre metodologias operativas no estúdio de pintura

Notebook Workshop: reflections on operational methodologies in painting studio

JOCIELE LAMPERT* & MARTA FACCO**

Artigo completo submetido a 2 de maio de 2018 e aprovado a 9 de maio de 2018

*Brasil, Artista Visual e Professora Universitária. Afiliação: Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Departamento de Artes Visuais. Av. Madre Benvenuta, 1907, Bairro Itacorubi- Florianópolis, SC – CEP 88035-901, Brasil. Email : jocielle.oliveira@udesc.com.br

**Brasil, Artista Visual. Afiliação: Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Departamento de Artes Visuais. Av. Madre Benvenuta, 1907, Bairro Itacorubi- Florianópolis, SC – Brasil. Email: martafacco@hotmail.com

Resumo: Compreender o espaço e o tempo do estúdio de pintura como um laboratório de ensino e aprendizagem nas Artes Visuais tem sido o objetivo de nossas práticas enquanto docentes diante das pesquisas. Trata-se, antes de tudo, de mapear metodologias operativas de quem ensina e aprende pintura, tendo o estúdio como um laboratório experimental, onde a arte como experiência é o cerne das reflexões sobre o processo pictórico. Tal assunto passa a construção da imagem e da produção do pensamento visual, bem como das formas metodológicas de como ensinar pintura, adentrando o processo criativo para além de mera lição técnica. Trata-se de refletir sobre o contex-

Abstract: *Understanding space and time of the painting studio as a teaching and learning laboratory in the Visual Arts has been the goal of our practices as teachers in the face of research. First of all, it is to map operational methodologies of those who teach and learn painting, the painting studio being an experimental laboratory, where art as experience is the core of the reflection on the pictorial process. This subject pervades the construction of the image and the production of visual thought, as well as of the methodological ways of teaching painting, entering the creative process beyond a mere technical lesson. It is a question of reflecting on the context of contemporary education, presupposing the transit or*

to da Educação contemporânea, pressupondo o trânsito ou a interlocução entre a pintura e a Arte Educação, ou sobre a formação do professor e do artista. Estas práticas, ou a busca pela compreensão da Arte como experiência, decorre de nossos estudos em John Dewey, bem como dos desafios encontrados onde nos situamos: no ensino universitário.

Palavras chave: Arte Educação / Pintura / Experiência / Artes Visuais / Metodologia.

interlocution between painting and Art Education, or about the formation of the teacher and the artist. These practices, or the quest for the understanding of Art as experience, derive from our studies in John Dewey, as well as from the challenges encountered where we stand: in university education.

Keywords: Art Education / Painting / Experience / Visual Arts / Methodology.

Introdução

O presente artigo objetiva tecer reflexões sobre a construção de metodologias operativas que se dirijam na posição contrária do que é o ensino de ateliê em formato tradicional, porém, buscando saberes e competências que estejam atentos para práticas abertas (não compreendemos o encerramento da técnica de pintura), partindo de exercícios abertos que primam pela reflexão e prática pictórica e espelham o processo do aprender e ensinar Arte. A metodologia operativa do ateliê pode instaurar processos e acender modos de operar a materialidade a partir da percepção, compreendendo o processo criativo como eixo para o ensino e a aprendizagem em Artes Visuais, em um formato aberto e coerente com a experiência e o processo formativo. Como sugere Jacques Rancière (2015) em seu estudo sobre a emancipação intelectual, não precisamos de um mestre explicador, e sim de um mestre emancipador. Assim, compreende-se o artista professor, como um mestre emancipador. Um proponente de experiências que, enquanto ensina, aprende novos modos de fazer renovando-se sempre, e compreendendo que “o segredo do mestre é saber reconhecer a distância entre a matéria ensinada e o sujeito a instruir, a distância, também, entre aprender e compreender [...]” (Rancière, 2015:21). O explicador seria aquele que impõe e ignora essa distância, embrutecendo o sujeito, enquanto que o emancipador reconhece essa distância e propõe formas de aprendizado através da experiência do criar, inventando novas formas de fazer instigando o pensar e o refletir.

Assim, o ensino e o aprendizado das Artes Visuais através da proposição de experiências, povoando o espaço ‘Entre’ proposto por Jocielle Lampert (2015), na perspectiva de John Dewey (2010) da Arte como Experiência, definida por uma construção de conhecimento horizontal e em rede, é o cerne do adensamento teórico e prático de nossas ações; para além, apoia-se em redes de criação, da qual se espera que o artista professor conecte seus saberes. A proposta de mergulho no ateliê apresenta-se como uma possibilidade de deslocamento

sugerida e permeada pelos objetos desse espaço e como potência no caminho docente, considerando o espaço e o tempo de produção na linguagem pictórica.

1. Arte como experiência ou prática artística e prática pedagógica

Todos nós somos portadores de experiências, uma vez que interagimos e nos relacionamos com as pessoas e o ambiente onde estamos inserimos. Vivenciamos sensações, emoções, afetos, momentos e acontecimentos. Instantes que são capazes de mudar o sentido de tudo, do modo como enxergamos o mundo, os outros e até os objetos ao nosso redor. Acontecimentos que trazem tamanhas significações que suportam abrir recortes na paisagem da memória, congelar o tempo por instantes e abalar o presente. Só que, muitas vezes, essas experiências, ditas reais, apenas passam pelo caminho da experimentação e/ou experiências vividas, sem a consciência, percepção e aceção do ato, porque todos os dias vivemos experiências reais, de caráter rítmico particular e de qualidades diferenciadas para cada um, pois somos seres únicos.

Dewey (2010) compreende a Arte como um processo e não como um objeto pronto, acabado, assim como Salles (2009) aponta em *Gesto Inacabado*, sobre o processo e o inacabamento da obra. A Arte é um eterno fazer e refazer-se, reinventar; é o caminho percorrido, e o que nos acontece no processo é o mais significativo. A obra nunca estará pronta, apenas o artista, por um momento, determina uma parada ou pausa. No entanto, Dewey distingue experimentação de experiência, dizendo que a experiência faz parte do ser vivo, pois está ligada ao processo de viver. Mas, muitas vezes, ela é incipiente, porque passa apenas pela experimentação, de modo a não compor uma experiência singular, que a Arte necessita para ser estética e significativa, e da qual se entende que o artista professor encontre singularidades, o que demanda tempo e atenção. Mas as experimentações tornam-se necessárias para que a verdadeira experiência possa acontecer através das proposições.

Já para Ricardo Basbaum, em entrevista cedida ao livro *Experiência e Arte Contemporânea* (2012), ao ser questionado por Ana Kiffer (uma das organizadoras do livro) a respeito de seu trabalho: “*Você gostaria de participar de uma experiência artística?*”, fala sobre a diferença entre vivência e experiência apontando para a herança dos neoconcretos. Assim, para ele, “o termo vivência parece vir mais do campo sensível, sensorial, da imersão artística. [...] e a experiência das máscaras, a imersão no espaço virtual” (Basbaum, 2012: 70). Mas aproxima ambas dizendo que a vivência é muito próxima das experiências no campo da Arte, pois as duas se relacionam ao falar do corpo e sentidos.

Ambos os autores colocam a vivência e a experiência em âmbitos diferen-

ciados e situam-se exatamente onde a pesquisa que desenvolvemos se instaura. As vivências seriam os acontecimentos, os que nos atravessam todos os dias, as afecções que acontecem em nossas travessias. As experiências são o que fazemos com tudo isso, o que produzimos e o que muda na maneira como vemos/olhamos as coisas e o mundo ao nosso redor. Por isso, acreditamos que as experiências sejam de extrema relevância para a construção do pensamento reflexivo do artista professor, pois causa mudanças, propiciando novas formas de ser/estar/sentir/agir, assim como novas formas de ver/olhar para o lugar onde está e o que faz.

O conhecimento, para Dewey, advém das experiências obtidas durante o processo. Portanto, compreende a Arte como algo inerente à vida da qual a experiência advinda do percurso seria a parte mais importante. Assim, acreditamos que, a cada dia, temos menos experiências e somente ficamos no campo da experimentação, pois, para se ter uma experiência, necessitamos de tempo e atenção, e isso é o que menos temos neste mundo globalizado e acelerado. Estamos sempre atrasados, correndo atrás do tempo para resolver problemas do dia a dia; não paramos para refletir, pensar (pois pensar é criar) sobre o que nos acontece. Porém, a verdadeira experiência advém do resultado do enfrentamento de forças tidas nas experimentações e/ou acontecimentos. É o que fazemos com o que nos acontece, portanto, relevante na formação docente.

No contexto de formação do professor de Artes Visuais, observa-se uma carência por espaços que contemplem a prática artística enquanto tempo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, compreendemos o ateliê como uma forma de deslocamento no modo de ver/olhar do sujeito em prática de si, instaurando perspectivas de novas metodologias para o contexto da Arte e da Educação. Propiciar reflexão, apropriando-se do próprio campo de criação das Artes, através da imersão do processo criativo, possibilitando a vivência e a experimentação no âmbito do ateliê. Suscitando, assim, o encontro com a poética para propiciar o caminho da diferenciação, visto como relevante na formação docente.

Dessa forma, o ateliê posiciona-se como um espaço de deslocamento (mudança), onde a instância entre artista e professor, professor e pesquisador, professor e aluno, teoria e prática, experiência e informação, real e imaginário, corpo e representação, forma e conteúdo, conhecimento e ação correspondem à transdução (no sentido de transitar) que o sujeito faz em busca de um devir na construção da prática docente. Esse devir é entendido como uma busca constante pela capacidade de defasar-se, modificar-se, transgredir-se, traçando redes de conexões para escapar da inércia: “[...] o devir nunca é uma história com pontos fixos de partida e de chegada” (Jesus, 2013:22).

2. A metodologia operativa na construção dos cadernos ateliê

Uma das formas relevantes para pensar a construção da subjetividade do artista professor pode ser através de um pensamento reflexivo sobre as experiências apreendidas durante o processo propostas no ateliê. Dewey evidencia a relevância em compreender o processo como essencial no aprendizado, e a busca pela percepção e reflexão como fundamentais na construção do sujeito. Uma apreensão baseada na experimentação, na qual, a partir da percepção, da imaginação e da experiência, faz-se o ajuste da consciência (Dewey, 2010). Experiência de um vínculo entre teoria e prática provoca interação entre ideia e ação, proporcionando uma concepção de conhecimento pelo caminho do agir agindo e de um fazer fazendo, criando experimentações que possibilitem condições crítica e reflexiva relevantes para a Educação em Artes Visuais.

Almejando a construção de vínculos, lançamos diversos desafios ou exercícios aos estudantes (artistas e professores em formação inicial na universidade), para colocarem-se como pesquisadores de seu próprio processo. O objetivo foi adensar um lugar de pesquisa para o caderno ateliê como um tempo dinâmico de registro plástico, narrativas visuais e textuais, mapeamento de infográficos com os artistas e teóricos que servem de referência para a pesquisa plástica, bem como para o desenvolvimento de exercícios e anotações, não como uma obra ou pintura finalizada, mas sim como um processo de esboço, rascunho que o próprio caderno concede ao tema. Os estudantes registraram nas páginas do caderno (tamanho A4, feito em *canvas* e com costura manual), tudo o que foi referente à disciplina de processo pictórico. Ao final do semestre, o caderno transformou-se em um arquivo pictórico, como um lugar de deambulação da pintura, mais do que um trabalho finalizado do semestre. O objetivo também esteve em retirar o preciosismo técnico da própria linguagem pictórica, para além de sua fatura, e alcançar um processo subjetivo do que é pintura e de como podemos nos apropriar do conteúdo no contexto em que nos situamos. Como exemplo, seguem imagens dos cadernos ateliê (Figura 1, Figura 2, Figura 3, Figura 4).

Conclusão

O espaço do ateliê é entendido como lugar de ensino e aprendizagem na prática do olhar, um lugar de potência como eixo gerador de um conhecimento que não passa somente pelo ensino técnico, mas também pelo senso estético que promove um lugar de mobilidade de forças, “[...] não como um local de armazenamento de informações, mas um processo dinâmico que se modifica com o tempo” (Salles, 2006:19). Para propor a rede de conexões entre as práticas artísticas e os saberes pedagógicos considerados como essenciais na

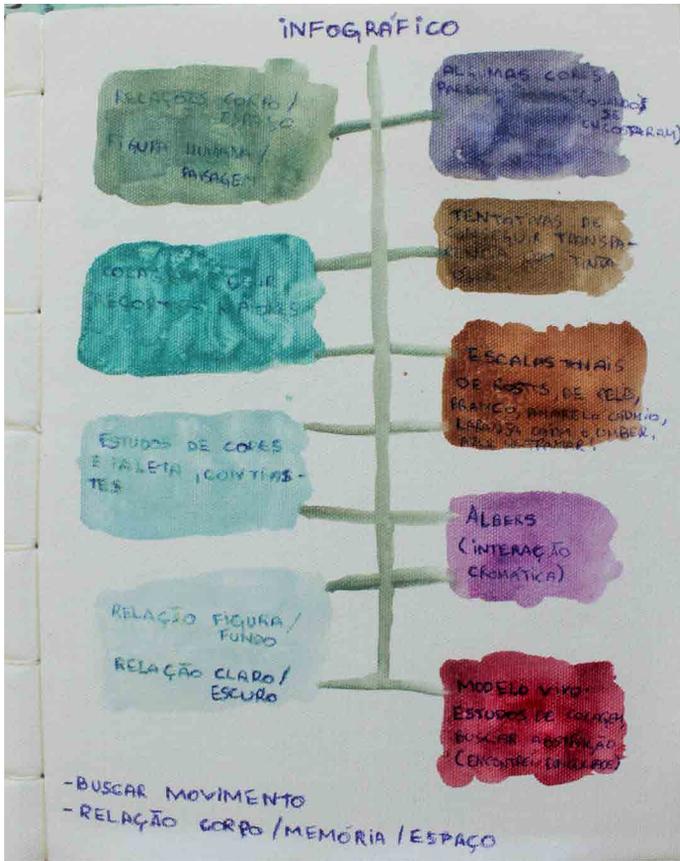


Figura 1 - Imagem do Caderno Ateliê. Exercício de construção de infográfico baseado em pesquisa de artistas. Acrílico sobre tela. Fonte: própria.

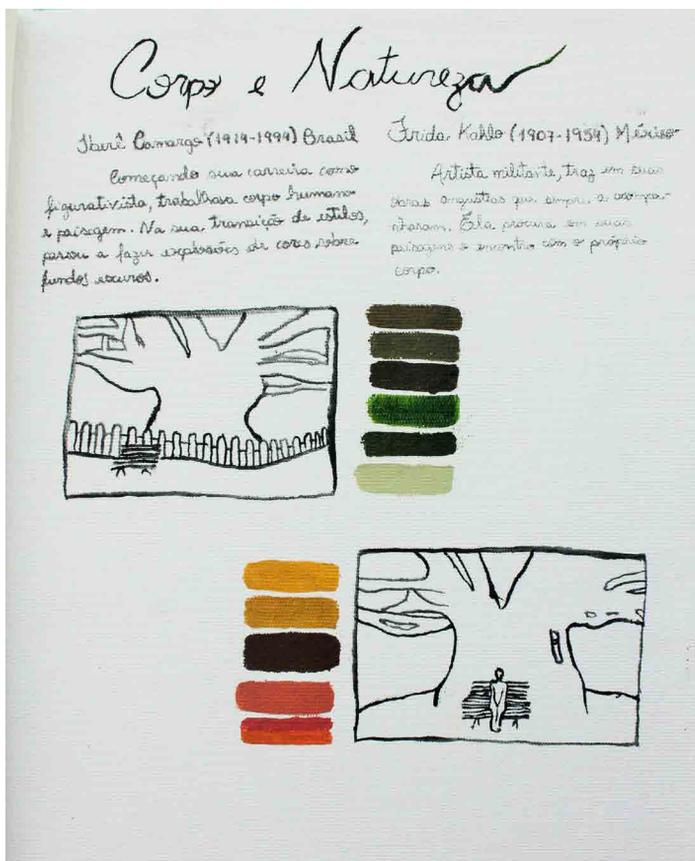


Figura 2 · Imagem do Caderno Ateliê. Exercício de construção de paleta. Acrílico sobre tela.
 Fonte: própria.



Figura 3 - Imagem do Caderno Ateliê.
Exercício de monotipia proposto no caderno.
Óleo sobre tela. Fonte: própria.

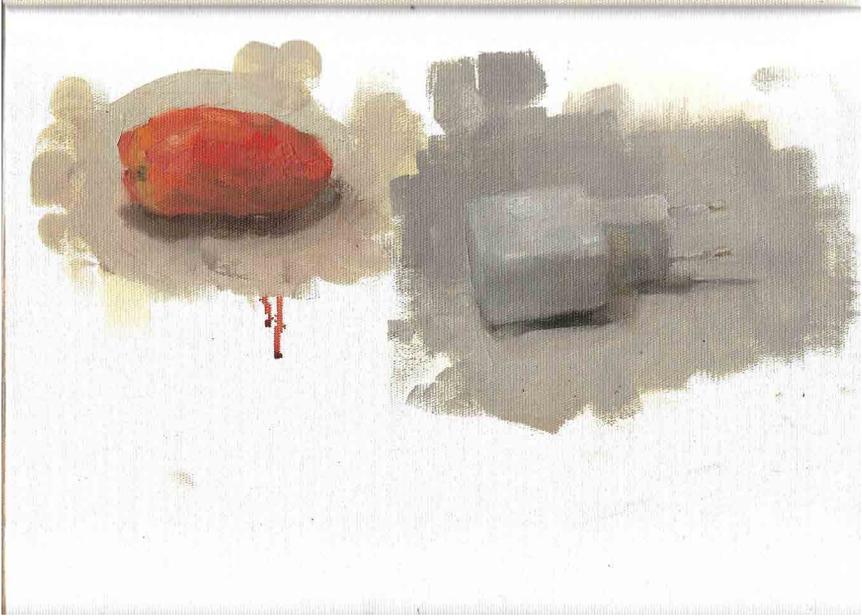


Figura 4 · Imagem do Caderno Ateliê. Exercício de natureza morta com base para estudo de paletas. Óleo sobre tela. Fonte: própria.

construção da subjetividade do artista professor, chega-se ao ateliê como lugar de significação do sujeito em prática. Pois é nele que, por meio das experimentações, esta pesquisa instaurou possibilidades de experiências que propiciem estados de singularidades através de redes de conexões que o processo criativo possibilita instaurar. Contudo, ao refletir sobre o processo criativo, adquirimos novos movimentos de forças que se atualizam a todo momento, possibilitando sempre uma mudança de direção. "O processo de criação, como processo de experimentação no tempo, mostra-se, assim, uma permanente e vasta apreensão de conhecimento" (Salles, 2009:160), pois garante ao sujeito em prática de si, através de suas escolhas, reinventar-se a todo o momento, buscando novas soluções para os problemas apresentados e apreendendo, assim, novas maneiras de fazer aula.

Referências

- Dewey, John (2010). . Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes. ISBN: 978-85-61635-54-1.
- Jesus, Joaquim Alberto Luz de (2013). Tese de Doutorado em Educação Artística, Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, Lisboa, 260 pp. Disponível em URL: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/72742/2/23843.pdf>.
- Kiffer, Ana; Rezende, Renato; Bident, Christophe (org.) (2012). Rio de Janeiro: Editora Circuito. ISBN: 978-85-64022-26-3.
- Lampert, Jocielle (2015). "[Entre paisagens] ou sobre 'ser' artista professor." In: Guimaraes, Leandro Belinaso; Krelling, Aline Gevaerd; Pereira, Juliana Cristina; Dal Pont, Karina Rousseng (Orgs); Florianópolis: Fapesc/CRV. ISBN: 978-85-444-0349-5.
- Rancière, Jacques (2015). . Trad. Lílian do Valle; 3 ed., 4 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora. ISBN: 978-85-7526-045-6.
- Salles, Cecília Almeida (2009). . 4 ed. São Paulo: Fapesp/Annablume. ISBN-13: 978-85-7419-042-6.
- Salles, Cecília Almeida (2006). . 2 ed. São Paulo: Horizonte. ISBN-13: 978-85-9927-906-9.